



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA
40 anos de democracias: progressos, contradições e perspectivas

ÁREA TEMÁTICA: SEXUALIDADE E GÊNERO

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO

MONTAGENS E DESMONTAGENS DO CORPO-MICHÊ: PERFORMANCE DE GÊNERO E
TRANSIÇÃO DE IDENTIDADES NA PROSTITUIÇÃO VIRIL

SANTOS, Maria Lourdes dos
Doutora em Sociologia
Universidade Federal do Ceará
mlourdes7@yahoo.com.br

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva
Doutor em Sociologia
Universidade Federal do Ceará
cristianspaiva@gmail.com

RESUMO

Pretendemos discutir neste trabalho as estratégias de montagem e desmontagem do corpo, usadas por michês, rapazes que exercem atividade sexual, na experiência de prostituição viril. Entendemos que estes processos estão ligados a negociações de identidade (sexual e de gênero, social e pessoal, a pertencas a classe, geração), modos de ser (envolvendo processos de “personalização”, de “subjetivação”), performances de gênero e desenvolvimento de habilidades eróticas acionados pelos sujeitos para viabilizar trocas sexuais entre homens. O trabalho dialoga com a tradição crítica e não-essencialista dos estudos de sociologia e antropologia da sexualidade no Brasil, e, concernente ao objeto desta proposta, com os estudos sobre identidade sexual, masculinidade e prostituição. Dialogamos, na investigação, com Perlongher (2008) e sua discussão sobre identidade e devir, modos de subjetivação, produção de desejo, modos de ser inventados e fabricação de corporalidade. Utilizamos de R. Schechner (2003) noções de "montagem" e "desmontagem" de performances corporais, de modos de ser, de regimes de sensibilidade e produção de desejos. O material empírico usado foi produzido a partir dos depoimentos de garotos que exercem trabalho sexual em Fortaleza (metrópole situada no Nordeste do Brasil) que foram colaboradores da pesquisa realizada para doutoramento, nos anos de 2009 a 2013. Destacou-se como um dos aspectos centrais de suas falas as travessias, transformações e separações por eles experimentadas, enquanto performam o michê. Essas montagens e desmontagens envolvem a produção do corpo (viril, másculo), sua exibição (partes do corpo evidenciadas), performances de masculinidade encenadas e habilidades eróticas ofertadas como serviço.

Palavras-chave: prostituição viril, identidade sexual, masculinidade, corpo, Fortaleza.

ABSTRAT

We intend discussing at this work, strategies of mounting and dismounting of body used by michês who are young men that work with sexual activities, in experience of male prostitution. We understand these processes are linked to identity negotiations (sexual and genre, social and personal, to class attribution, generation), mode of existence (involving processes of personalization, of subjectivity), genre performances and development of erotic abilities used by the subjects to make possible sexual exchanges among men. This work talks to the critical and non-essentialist tradition of studies in sociology and anthropology of sexuality in Brazil, and according to the purpose of this study, with studies of sexual identity, masculinity and prostitution. In this investigation we dialogue with Perlongher (2008) and his discussion about identity and transformation, ways of subjectivity, production of desire, created mode of existence and production of corporality. From R. Schechner (2003) we used notions of mounting and dismounting of corporal performances, manner, sensitivity regiment and production of desire. The empiric material used was produced from the statements of young men who perform sexual work in Fortaleza (a city located in northeast of Brazil) who were collaborators of the research done for doctorate thesis from 2009 to 2013. It was highlighted as one of the most important aspects of their speech the route, transformations and separations experienced by them while doing the michê job. These mountings and dismountings involve the production of body (male, manly), their exhibition (parts of body evidenced), performances of masculinity acted and erotic abilities offered as service.

Key words: male prostitution; sexual identity; masculinity; body; Fortaleza.

DATA ENVIO DA COMUNICAÇÃO: 26 DE JUNHO DE 2014

NÚMERO DE SÉRIE: **COM0578**

1 Introdução

Para buscar um entendimento sobre prostituição masculina viril praticada no centro de Fortaleza é necessário envolver-se num projeto de rastreamento, a fim de localizar equipamentos, mapear roteiros e identificar pontos de ligação com outras áreas, relacionando esses espaços com as práticas dos sujeitos envolvidos com o comércio sexual. Estes sujeitos “... criam raízes e uma identidade sócio-cultural, demarcando assim seus territórios”. (Costa; Almeida, 1998, p. 278).

Nessa área da cidade, a rua e os espaços públicos são os locais mais procurados para a prática da prostituição, pois seu uso é gratuito e suas características de acesso livre e movimento potencializam o encontro com clientes e a realização de programas. Embora as áreas de prostituição organizada se encontrem espalhadas por diferentes espaços das grandes cidades, tendem a se fixar no centro e no seu entorno, onde é intenso o fluxo de pessoas, e a presença de multidões favorece o anonimato. (Silva, 2011).

Partindo dessa compreensão, procurei mapear esse circuito, e, embora de forma parcial, foi tarefa difícil, porque algumas das casas onde funcionam cinemas pornográficos e algumas pousadas não apresentam nenhuma forma de identificação, por operarem na clandestinidade. Em outros casos, como o do Cine Atenasⁱ, há apenas uma pequena placa de identificação, ainda que a casa mantenha um *site* na *internet*.

Adentrar no universo da prostituição é uma missão árdua. O primeiro passo foi ganhar a confiança de seus frequentadores e tentar aproximação. Assim, os encontros com os interlocutores foram acontecendo e tornaram-se momentos ricos, que me possibilitaram não só colher e analisar dados, mas, sobretudo, exercitar o ouvir, entender, silenciar, questionar. Procurei construir uma interpretação sobre a vivência desses sujeitos, na sociedade onde estão inseridos, considerando a territorialização de suas práticas. Suas falas me levaram a uma reflexão sobre a forma como eles veem a prostituição masculina viril, embora essas visões não sejam as únicas representações dessa atividade, já que existem outros profissionais do sexo. (Carvalho, 2000).

Nem sempre as falas eram precisas. Os elementos presentes na construção do universo erótico da prostituição, como o local, formas de sedução, promessas, confidências, adereços, preço, fetiches etc., se mesclam e se confundem, de forma que, algumas vezes, parece impossível saber quem está realizando a fantasia de quem, embora os papéis sejam previamente acordados.

Quanto ao conteúdo das informações obtidas dos garotos, apesar do quadro teórico da pesquisa não ser a memória, são pertinentes os comentários de Michel Pollack (1989, p. 8) acerca das lembranças, que apontam a existência de “zonas de sombra, silêncios, não ditos”. Deve-se levar em conta, na análise das informações, que há o indizível e o dizível, variáveis que compõem os relatos orais, remetendo sempre às escolhas feitas por quem relata as experiências (Queiroz, 1988). Junto com o dito e o não dito estão os mecanismos de atuação dos discursos, que funcionam como um entrelaçamento sutil de saberes, prazeres e poderes. (Foucault, 1993).

Além de lançar mão de relatos orais, realizei intenso trabalho de observação. Percorri toda a área central da cidade para delimitar o *locus* da pesquisa, buscando produzir registros cartográficos e fotográficos, como meios auxiliares da mesma. Pode-se dizer que toda a trajetória realizada, tanto empírica como teórica, demonstra como se situa a pesquisadora em relação ao sujeito investigado e às suas experiências espaciais, propiciando o rearranjo do conceito de território na exploração *in casu* das condições de práticas prostitutivas dos michês.

Para atingir maior compreensão desse fenômeno, procurei identificá-lo mediante a convivência, durante um longo período (18 meses), com rapazes engajados na atividade da prostituição, no território de suas práticas, ou seja, em duas zonas específicas: o Centro, ruas e praças, bares, cinemas pornô (‘‘cinemões’’), e Avenida Beira-Mar, importante via turística.

Cabe assinalar que durante o trabalho de campo alguns transeuntes me perguntaram o que eu fazia ‘‘metida com aqueles rapazes’’. Prontamente, eu respondia a todos sobre a minha pesquisa, da importância de ouvir os garotos, de conhecer seus locais de trabalho, como se iniciavam e como permanecem na atividade da prostituição, como produzem e expõem seus corpos para a clientela e os meios utilizados para se manterem atraentes e sedutores.

2 A geografia do sexo na Fortaleza (pós) moderna

A partir de contatos iniciais com sujeitos da pesquisa e observações das vias do Centro, decidi por um recorte espacial que abrangesse o entrecruzamento dos percursos descritos pelos informantes, formando uma trama densa, dentro da qual se localizam os pontos de encontro e permanência. A escolha dos equipamentos pesquisados levou em conta a possibilidade de acesso sem maiores complicações, haja vista que, em sua maioria, não permitem a entrada de mulheres. No início, minha aceitação em alguns estabelecimentos foi facilitada por rapazes, membros do Projeto *Entre Nós*ⁱⁱ que trabalhavam nos espaços apresentados.



Foto aérea do Centro de Fortaleza e bairros limítrofes.
Fonte: HABITAFOR (2000)

2.1 O circuito das praiasⁱⁱⁱ

A partir da década de 1990, Fortaleza requalifica seus 30 quilômetros de praia, com negócios voltados para o turismo e o lazer: comércio de artesanato, hotéis, restaurantes, bares, boates etc. A Praia de Iracema, que permanecera estagnada em décadas anteriores, renasce para novas apropriações, privilegiada como o “pólo de lazer e turismo da cidade”. (Schramm, 2001, p. 99).

No início da década de 2000, a Praia de Iracema começa a ser vista como espaço de decadência social e moral, pela ocorrência, em alguns equipamentos de lazer ou em seu entorno, de práticas contrárias à heteronormatividade e favorecimento para o uso de sexo pago. Nesses locais, registram-se assaltos e tráfico de drogas. A Praia de Iracema passa a ser conhecida como um “território do sexo”, atraindo “... uma fauna particular de espécies noturnas de pessoas” e novos estabelecimentos, frequentados por prostitutas e prostitutos, como motéis, saunas, bares gay, casas de massagem, etc. (Villalobos, 1999, p. 5).

Nos últimos anos, ocorreram mudanças significativas, com o intuito de requalificar a Praia de Iracema. Mesmo assim permanecem antigos usos, como a facilitação e intermediação da prostituição feminina (Aquino, 2011) e masculina, ainda que com menor visibilidade.

Outro espaço central na geografia do sexo em Fortaleza é a Avenida Beira-Mar, calçadão situado no trecho da orla a partir da Avenida Rui Barbosa, ao mercado dos peixes, no Mucuripe. Trata-se de um espaço de aproximadamente três km contínuos, porém diferenciados, que congregam uma pluralidade de usuários, como atletas, vendedores ambulantes, artistas, banhistas, turistas, famílias com crianças etc. Lá também localizam-se serviços e equipamentos voltados para o turismo, como hotéis, restaurantes, feira de artesanato, produtos locais e barracas^{iv} onde se vendem água de coco, bebidas, frutos do mar etc. Em algumas, concentram-se jovens prostitutas ou prostitutos, em busca de clientes ou por eles acompanhados. Esses clientes são turistas brasileiros e estrangeiros, com predomínio de italianos, alemães, argentinos, franceses, ingleses, que circulam pelos restaurantes, boates, bares dentre outros estabelecimentos dessa praia. (Piscitelli, 2005).

Depois das 23h, quando diminui o fluxo de pessoas caminhando, correndo ou passeando, fica mais visível o movimento de rapazes de corpos másculos, que se expõem aos passantes, sobretudo no trecho entre as ruas Dias Ribeiro e Nunes Valente, onde o calçadão é bastante estreito e a existência de bancos a curta distância da pista, facilita a visibilidade e a comunicação com a clientela motorizada. São jovens de classe média, apresentam-se de maneira despojada, vestindo roupas de marca e estilo exuberante. Alguns falam mais de um idioma, são universitários, aparentam maior poder aquisitivo e melhor nível social. A maneira como se apresentam para os clientes é percebida apenas por aqueles que os identificam como profissionais do sexo.

Os michês vão chegando e começam a se tornar visíveis por meio de seus gestos: sentam, levantam, olham como quem procura algo, vão e voltam, percorrem as quatro quadras, param. Caminham devagar, geralmente olhando para os veículos, que transitam no sentido oeste-leste. Procurando ser vistos, eles acenam e fazem sinais para os transeuntes, ora de forma discreta, ora de maneira conspícua. Trata-se de uma movimentação expressiva do corpo jovem, saudável e pronto para o programa. Quando há interesse por parte do condutor do veículo, este diminui a velocidade para ver mais de perto o garoto: trocam olhares, gesticulam e entram em alguma rua lateral, para negociar o programa. Esses movimentos são saberes adquiridos no cotidiano da prática da prostituição. Esta manifestação agrega vários tipos de performance, como aponta Richard Schechner: “as performances do cotidiano, ritual e artística se misturam, vai se acrescentando elementos de sofisticação, aspecto visual e coreográfico”. (Schechner, 2003).

2.2 O Centro de Fortaleza como território do sexo

A área litorânea “moderna” não é o único espaço no qual a geografia do sexo pago ganha visibilidade: muitos lugares do Centro histórico de Fortaleza são pontos de encontro de atores cuja interação é baseada, principalmente, na sedução voltada para “trocas sexuais”. (Heilborn, 1999, p. 95). Como afirmou um dos interlocutores, “o centro é o local do encontro, aqui todos se encontram. O centro é muito movimentado durante o dia e à noite é quase um deserto, é um lugar que tem fácil acesso de toda a cidade. [...] essa história das pessoas fazerem ponto aqui no centro é muito antiga, já vem de 40 ou 50 anos atrás. (David)^v

O Centro permanece em ebulição para distintas camadas da população, sobretudo aquelas de baixo poder aquisitivo, por ser uma área de concentração de postos de trabalho em escala metropolitana e por reunir comércio e serviços variados. Apresenta uma variedade de equipamentos voltados ao entretenimento, lazer e prazer erótico, atraindo pessoas com diferentes estilos de vida, comportamentos e preferências sexuais, dentre elas, os michês.

O frenesi no Centro vai das 6h da manhã até cerca das 20h. Por volta das 22h, apresenta outra feição: com a pausa para o descanso diário, diminui, substancialmente, o trânsito de veículos e pessoas. Além de poucos automóveis e motos particulares, circulam apenas táxis e o “corujão”, assim chamado o ônibus que circula após meia-noite. A área central está nas mãos dos trabalhadores noturnos, dos amantes da noite e dos sujeitos que sobrevivem nas margens.

No coração antigo da cidade, ruas e praças abrigam manchas onde se aglomeram equipamentos voltados para o público homoerótico e articulam pedaços para formar um circuito, na acepção que Magnani (2002) confere a esses termos. É o caso das Praças do Ferreira, Murilo Borges, Praça do Carmo e algumas ruas próximas: Solon Pinheiro, Assunção, Floriano Peixoto, Major Facundo, Barão do Rio Branco, Senador Pompeu, General Sampaio, 24 de Maio, Pedro Pereira, Pedro I, Avenida Duque de Caxias, General Clarindo de Queiroz e Meton de Alencar.

Caminhando por essas ruas, pode-se constatar a existência de inúmeros ambientes (cinemas pornográficos, motéis, boates, bares, boates, saunas etc., ou seja, territórios como espacialização de corpos, interações e desejos) relacionados a alguma forma de entretenimento, mas destinados, também, às tramas do encontro e das práticas sexuais negociadas. Essa área comporta uma pluralidade de locais considerados de “pegação”:

Os ‘locais de pegação’ compreendem, além de espaços comerciais planejados ou adaptados para esse fim (tais como saunas *gays*, cinemas *pornôs* e *dark rooms* de bares e boates GLBT), uma série de espaços públicos e privados que são informalmente apropriados para encontros sexuais furtivos (tais como

parques, praças, banheiros e vias públicas, além de salas de cinema e saunas heterossexuais, denominada como caretas). (Teixeira, 2009, p. 264).



Imagem 2- Ruas no Centro de Fortaleza onde se concentram equipamentos e pontos de prostituição. Ferreira (2011), com adaptação da autora.

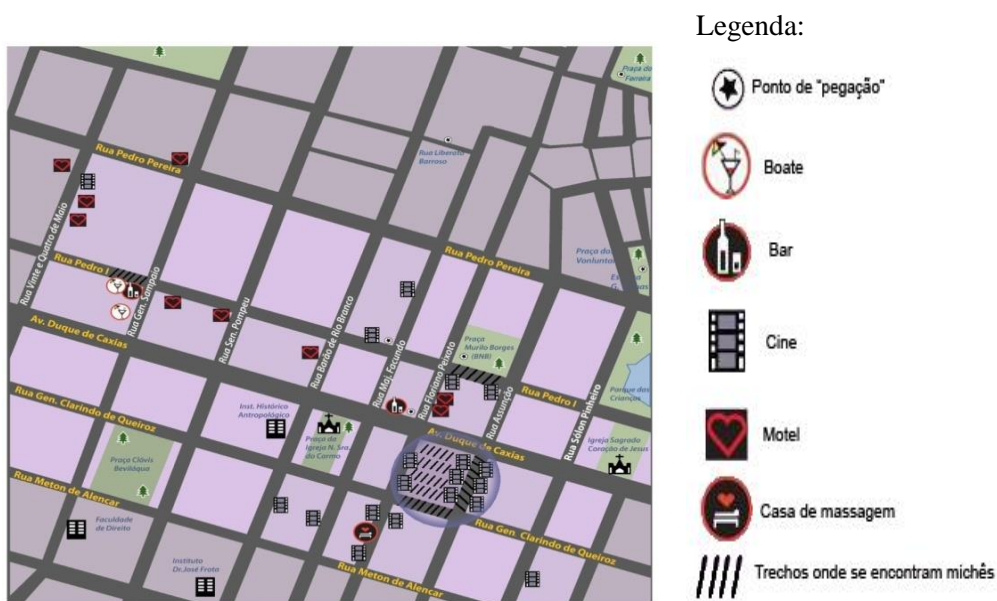


Imagem 3 -Mapa das ruas do Centro, com a localização de equipamentos frequentados por michês. Ferreira, 2011, com adaptação da autora.

É nesse cenário urbano que alguns jovens se apresentam. À noite, na passarela das ruas, provocam olhares, despertam desejos, incitam a transgressão da moral vigente. No palco expõem seus corpos, se imaginam amantes e na presença do outro a cena se repete. Como disse Simmel (2004), o indivíduo e o grupo realizam-se em um ambiente social artificialmente produzido por eles mesmos.

No que refere a identidade, o michê apresenta um aspecto dúbio, tanto no que diz respeito ao campo da sexualidade ou das práticas eróticas, como em relação à sua “profissão”. Portanto, apontamos o caráter “flutuante” de sua identidade: “homossexual”, “bissexual” ou “heterossexual”, ou seja, convenções e interesses são negociados. Ele ainda procura manter em segredo suas atividades sexuais realizadas em troca de dinheiro, por ser um requisito importante para se manter no negócio.



Imagem 4-Complexo de Cinemas Pornográficos – Rua Assunção, Centro.0
Foto Juliana Sampaio do Carmo, 2012

“Eu não faço passivo por três motivos: primeiro, porque não dá certo para mim essa história. [...] Quando um cliente me aborda eu já aviso: “sou ativo”. Outro motivo é porque tenho namorada e tenho medo de fazer passivo e daqui a pouco eu começar a rebolar o traseiro, a desmunhecar, e aí como é que fica com a minha namorada? Eu não posso deixar o meu trono de homem macho. E [o] terceiro [motivo é] porque se um cliente gostar, ele pode não querer largar o osso e pagar mais e eu ir me envolvendo, porque, como os meninos dizem, isso é uma peste, vicia, deixa o cara lesado mesmo. Então, prefiro ser mesmo o que sou, do meu jeito, assim está bom demais. (Felipe).

O cliente – homem que, quase sempre, vive oficialmente dentro da heteronormatividade – não é o mais visado, pois a clandestinidade de suas práticas o coloca como insuspeito, por procurar o profissional do sexo que expressa virilidade, masculinidade, juventude, em detrimento daqueles que apresentam traços efeminados. Essa diferenciação dos prostitutos quanto às características mais valorizadas pode expressar-se em termos monetários, pois, para alguns dos garotos citados, os michês “machos” são vistos como mais qualificados para a realização de fantasias sexuais, sobretudo dos homens casados, que justificam não procurarem garotos efeminados porque “mulher, eles têm em casa”.

2.3 O michê do Centro de Fortaleza

Eles são jovens (a média de idade dos interlocutores é de 26 anos, sendo a menor idade 21 anos e a maior 35 anos – mas, é frequente, nos espaços citados, a presença de garotos que aparentam menos de 18 anos), vêm de camadas sociais baixas. Sua procedência geográfica é diversa: oriundos de Fortaleza, de outras capitais do Norte e Nordeste ou de cidades do interior. Migraram para a cidade para estudar ou arranjar um emprego; mas, sem condições para desenvolver algum projeto de vida, vão parar nas esquinas, nos cinemas pornôns, nas saunas ou em outros locais de comércio sexual: “caem na vida” e se tornam “profissionais do sexo”, “garotos de programa”, “prostitutos”, “boys” ou “michês”, como se autodenomina Marcelo, Rafael, Pedro, Gabriel, Felipe, Pablo, Marley, David e Bruno, sujeitos da presente pesquisa.

A iniciação na atividade se dá, quase sempre, na adolescência. Este fato, juntamente com a pobreza das famílias, está relacionado com a baixa escolaridade desses garotos. Segundo eles, as necessidades e a influência de algum membro da família, os mandam “para rua” muito cedo, distanciando-os da sala de aula. Apenas um dos nove garotos pesquisados afirmou ter concluído o ensino médio; os demais não chegaram a terminar o ensino fundamental. Então, é difícil o ingresso no mercado de trabalho formal, apresentando-se a prostituição como uma alternativa de sobrevivência.

“...” a minha educação foi muito pouca; eu não tive incentivo para ir para uma escola estudar, terminar os estudos, me profissionalizar para o mercado de trabalho, para assumir um emprego e no meio de tudo isso, eu cresci e tive que sobreviver sozinho, me manter sozinho, por não ter apoio. [...] na hora H, quando

a pessoa pergunta qual é a sua capacitação de trabalho, qual a sua profissão, eu não tenho nenhuma e por conta disso eu perco muito, deixo de ter uma vida digna. (Marley).

A entrada na prostituição, quase sempre, foi condicionada por fatores econômicos:

Cair na vida foi a pior coisa que já fiz. Mas, eu estava precisando, naquela época, de roupa, calçado, [e] o meu pai me dava conselho, mas não me ajudava tanto. Aí o que fiz? Conheci no centro a [boate] *Divine* e a partir da *Divine* conheci o mundo gay, GLS. Caí nesse mundo e aí fui conhecendo pessoas que olhavam pra mim e diziam assim, “olha, eu vou pagar pelo que você vai fazer comigo”. Eu estava necessitado e aí me acostumei desde os 18 anos a fazer programas, vender meu corpo e até hoje, aos 24 anos, eu venho fazendo isso. (Felipe).

De um modo geral, os ritos de iniciação e de passagem (VAN GENEPP, 1978) são, por eles considerados, como particularmente difíceis: “Eu achei esquisito porque eu nunca tinha feito nada parecido, eu tive certo nojo, mas precisava da grana. Para mim não foi uma coisa por prazer, por desejo, foi mesmo por necessidade e me doeu na alma, parecia que a minha vergonha acabava ali”. (Felipe).

Entretanto, o desconforto tende a diminuir como relata outro garoto: “conversei com outros colegas que já superaram essa fase e são felizes e me disseram: ‘é assim pra todo mundo, mas com o tempo e os clientes a gente aprende se acostuma e passa’”. (Bruno). Portanto, pouco a pouco, os garotos vão adquirindo traquejo, se moldando à atividade, tornando-se habilidosos na arte de seduzir, peritos no jogo erótico o suficiente para atrair clientes, realizar programas e obter vantagens.

A centralidade dos fatores econômicos na trajetória dos michês que trabalham em áreas centrais da cidade também foi constatada na pesquisa que Perlongher realizou em São Paulo:

No ingresso ao mercado da prostituição intervém uma multiplicidade de fatores. O econômico costuma aparecer manifestamente como determinante: a miséria e o desemprego crônico de vastas massas, particularmente grave entre os jovens, criam ‘condições objetivas’ para que a prostituição seja encarada como uma ‘estratégia de sobrevivência’ e legitimada por seus praticantes enquanto tal (Perlongher, 2008, p. 205).

No caso dos sujeitos da presente pesquisa, uns residem em bairros da periferia da cidade; outros fazem um percurso maior, vindos de municípios da Região Metropolitana de Fortaleza ou de municípios próximos, por meio de transporte coletivo. Por vezes, uns vivem em minúsculas quitinetes ou quartos alugados, nas imediações do centro. É improvável que estes possuam veículo motorizado, por isso fazem seu trajeto a pé.

Nas ruas, avenidas e cinemas pornô é comum esses garotos estarem vestindo calças jeans um pouco apertada, camiseta do tipo regata, calçando tênis, cabelos esvoaçantes ou espetados. São despojados, deambulam de maneira que facilita a visão de quem os conhecem ou os procuram. Alguns são fumantes, outros desfilam com as mãos dentro dos bolsos das calças. Em alguns momentos eles gesticulam, descem para pista, cruzam o asfalto, mudam de calçada. Esse movimento, associado à expansão do território, faz parte da performance, do ritual e da mobilidade própria do negócio. O nomadismo, nesse duplo sentido é a forma de manter o território, ao mesmo tempo permite integrar os diferentes pontos que o constituem. São “territorialidades que envolvem mais do que representações ou projetos: dizem respeito às mobilizações e deslocamentos espaciais e categoriais, bem como à materialidade de corpos e partes de corpos ressaltados e valorizados, incluindo os próprios lugares que esses corpos percorrem” (Simões, 2008, p. 539).

A performance ritual do michê é concebida como uma experiência da atividade prostitutiva onde estão presentes aquilo que Schechner definiu como “os ‘comportamentos duplamente exercidos’, ‘comportamentos restaurados’, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiar. (2003, p.27). É sabido que o exercício da prostituição exige coragem, esforço e força. Segundo este autor, o comportamento restaurado existe como algo simbólico e reflexivo. Todavia, seus significados têm que ser decodificados por aqueles que possuem conhecimento para tanto.

Nesta acepção de performance enfatiza-se um modo notadamente marcado de ação e intensidade, um processo, uma prática, um modo de transmissão, uma realização e um meio de intervir no mundo (portanto,

trata-se do “ser performance”). Desse modo, este conceito é pertinente, pois, abarca não só as performances artísticas (dança, teatro, música, *happenings*, *performance art*), mas, as rituais e as cotidianas, como experienciam os sujeitos em questão.

Na aparente homogeneidade das condições econômicas precárias, entretanto, há lugar para variações nas estratégias de sobrevivência. Alguns vivem com suas famílias, têm outras ocupações e prostituem-se ocasionalmente. Outros têm namoradas, companheiras e estas são sabedoras de profissão. Os garotos que trabalham na rua são os que têm a situação econômica mais precária, sobretudo os que trabalham no centro da cidade: “Olha a gente ganha muito pouco, porque tem a concorrência e o preço é avaliado de acordo com o local: na Beira-Mar, o programa custa R\$ 50,00; mas no Centro, o programa custa apenas R\$ 30,00. Então, no máximo, em um dia bom, dá pra se ganhar R\$ 100,00”. (Pablo).

O valor de R\$ 30,00 reais, na verdade, corresponde ao máximo cobrado por programa contratado na área central. Os preços são combinados com o cliente e variam de acordo com o tipo de serviços sexuais e dos locais onde estes acontecem: “...”a transa rápida, R\$10,00 por 10 minutos; sexo oral, R\$ 10,00 – para ejacular na boca, se cobra mais caro; quando há penetração, o valor é dobrado. O menor valor pago por um programa de michê de rua é de R\$ 5,00 na rua e de R\$ 7,00, nos cines; o melhor é de R\$ 20,00 na rua e R\$ 30,00 nos cines. (Pablo).

Existe, ainda, um tipo de transação – o “programa completo” – cujo preço varia entre R\$ 30,00 e R\$ 50,00, conforme o local e o tempo de duração. Nele, são liberadas todas as práticas sexuais entre michês e clientes: “o programa completo é aquele onde rola tudo, acontece tudo: é frente, é verso, beijo, abraço, passivo, ativo; o tempo é mais longo, duas horas, três horas; o gozo também faz parte, você goza uma, duas vezes, isso é um programa completo”. (Marley).

No outro extremo da escala de remuneração, os garotos em situação mais precária chegam a aceitar “cliente vale tudo” – aquele que “não tem dinheiro e paga a gente com vale: vale transporte (R\$ 2,00 ou R\$ 3,00, depende da linha de ônibus) ou vale refeição (R\$ 6,00, R\$ 7,00, depende da empresa), como disse Pablo. Quem aceita esse tipo de pagamento é chamado de “michê varejão”, porque “faz por qualquer preço, não se valoriza, é pobre total, sofre e sofre muito”, no dizer do mesmo interlocutor.

Em contrapartida, os garotos que têm “jogo de cintura” sabem tirar dinheiro da clientela que utiliza seus serviços. Em alguns casos, eles se tornam “exclusivos” de algum cliente, para garantir uma “pensão” ou “ajuda de custo”, situação que coincide com os achados de outra pesquisa:

Alguns clientes chegavam a manter relações de “exclusividade” com um garoto (o que aumentava sua disponibilidade para gastos com o mesmo), outros mantinham relações de “ajuda” e amizade fora da sauna. Essa questão da “ajuda” é muito presente na fala dos garotos, para solicitar dinheiro. Nunca explicitam que querem o dinheiro do cliente, quando este se torna seu cliente habitual [...]. Além desse dinheiro, pedem pequenas “ajudas”, e sempre há inúmeras narrativas de necessidades domésticas, com a casa ou com os filhos, para o que contam com a generosidade de seu amigo mais velho. (Paiva, 2009, pp. 11-12).

Quando da saída de suas localidades de origem, os sonhos eram muitos, como ajudar a família e ter uma vida mais confortável: “o meu grande sonho é eu poder dar à minha família uma vida que ela não conhece, ou seja, uma vida com conforto, saber o que é comer uma comida boa, saber o que é usar uma roupa boa, um perfume bom, ir a um ambiente legal” (Marley).

Há os que almejam sair do país, usar roupas e calçados da moda, frequentar ambientes que lhes são negados. Suas aspirações não se reduzem à aquisição de bens para uso próprio, incluem também ter meios para usufruir do lazer e da sociabilidade, como ir à praia com a namorada, dar um presente para a mãe. Outros têm sonhos mais intangíveis, “... meu sonho é encontrar alguém com quem eu possa dividir os meus dias, a minha vida, para que possamos construir algo junto” (Marley).

O poder de atração desses sujeitos e suas habilidades no que refere às práticas sexuais os levam a manter uma clientela que deve ser constantemente seduzida e atendida em suas fantasias. O instrumento mais importante para despertar o desejo do cliente é o que o corpo é capaz de idealizar – a performance para

produzir o encantamento. Trata-se de um saber mostrar-se, de modo à revelar aptidões e proporcionar a produção do desejo do outro. “Mostrar-se fazendo é performar: apontar, sublinhar e demonstrar a ação”. (Shechner, 2003, p.26).

A prostituição é um dos fortes vetores que potencializa o domínio do corpo. E na busca de condições para um desempenho com excelência da atividade, os profissionais do sexo lançam mão de meios para se tornar atraentes e se manter em boa forma física, como academias de ginástica, dietas alimentares, remédios que inibem o apetite, anabolizantes, produtos da indústria de cosméticos e serviços de estética. Entretanto, nem todos os michês têm recursos para recorrer aos meios necessários para manter o corpo “sarado” e sedutor: frequentar academias de ginástica, tratar dos cabelos e da pele, comprar roupas da moda etc.

Nesse sentido, o garoto de programa tenta esculpir sua forma física, manter uma postura exuberante, um corpo másculo, rígido, jovem e viril. Desse modo, busca o corpo “ideal”, ostentoso, espetacularizado, construído com o intuito de impressionar, desejar e ser desejado.

Eu malho todos os dias, duas horas. Eu tenho que cuidar dos meus dentes, do cabelo, usar um bom perfume [...] se eu não sei cuidar disso, não vou chegar aonde quero, ter pessoas ligando pra mim. Eu pretendo botar um anúncio e para colocar um anúncio, a gente tem que estar com todos esses quesitos prontos. (Gabriel).

A apresentação corporal do michê vem acompanhada pela coreografia sexual e incitam o imaginário do cliente. Frente a este, o garoto adota uma postura viril e sugere uma anatomia exuberante. Como uma espécie de produto, trabalha a imagem, a aparência, a representação de ser “macho”, embora entre quatro paredes isso não ocorra tal como se apresenta.

O corpo que o michê busca seria aquele cujas formas provocam sensações agradáveis e prazerosas aos sentidos. Como afirmou um dos colaboradores da pesquisa, “não precisa ser bonito e nem bombado, o importante é ter pegada. Até hoje nenhum cliente reclamou do meu serviço, mas eu me cuido” (Felipe). “Na hora h a gente passa uma purpurina, desliza as mãos sobre o corpo e espera a reação, ele diz o que lhe satisfaz, ele é o pagante” afirma Gabriel.

Le Breton (2007) acredita que essa visão sobre o corpo seja uma forma de resistência simbólica na tentativa de construir ou restaurar um sentimento de identidade ameaçada:

O corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível, a encarnação irreduzível do sujeito, o ser-no-mundo (grifo do autor), mas uma construção, uma instância de conexão, um terminal, um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. Deixou de ser identidade de si, destino da pessoa para se tornar um kit, uma soma de partes eventualmente destacáveis à disposição de um indivíduo apreendido em uma manipulação de si e para quem justamente o corpo é a peça principal de afirmação pessoal. (Le Breton, 2007, p. 28).

A partir dos relatos dos garotos, trabalhei, também, a ideia de construção do corpo michê “fazer o corpo”, segundo expressão de Viveiros de Castro (2002), desde a aquisição da compleição física associada à virilidade, passando pelas técnicas de exibição de si e pela aprendizagem de habilidades eróticas e afetivas relativas ao serviço sexual oferecido ao cliente.

O michê utiliza várias formas para tornar seus serviços mais atraentes e agradar o cliente: o nome que adota, sua aparência física, seu gestual, suas roupas, sua voz. Eles remodulam e adornam o corpo, ensaiam posições e treinam a postura. Como disse Marley, “o mercado exige isso: que a pessoa seja bonita e tenha rosto, dentes, boca, olhos, corpo bonitos”. É quase sempre este último que atrai o desejo do cliente, embora seja no momento da efetiva prestação do serviço que esse desejo se concretize.

Somente a beleza física não basta; é necessário que ela se expresse em movimentos e na postura do corpo, o prazer em provocar prazer, para nutrir no cliente a vontade de tocá-lo, de consumi-lo, sendo esse o fetiche que leva o usuário desse serviço a retornar, a procurar mais vezes por tais serviços: “a vantagem é que ser bonito e andar e se vestir bem, ter um bom perfume, atrai mais cliente e você não se cuidando a tendência é só eles virem, ficar e gozar com você e não ficar mais [...] é por isso que eu cuido do meu corpo. (Gabriel).

As habilidades corporais se tornam um recurso para potencializar a beleza:

Eu sabia exatamente onde eu funcionava, qual era o ângulo meu que [se] eu levantasse, o meu corpo ficava mais bonito, porque quem está pagando quer alguém bonito do seu lado. No momento em que eu me levantava, eu me levantava com muita postura da cama, claro, na postura que o meu corpo ficava o mais bonito possível e assim o fazia sempre. (Bruno).

Saindo do universo da prostituição esses sujeitos procuram distanciar-se da atividade prostitutiva e voltam para a cotidianidade de suas vidas, mantendo a identidade social e buscando os meios para fortalecer seu “eu”, embora conscientes de que o tempo que os separa de seu outro “*métier*” é curto. Eles aproveitam outros momentos, como indica um dos interlocutores: “depois, saindo daquele inferno, chego em casa, tomo um bom banho, me alimento de alguma coisa e durmo um pouco. Depois, quando acordo, vou namorar uma gatinha super feminina e, com essa, sim, eu faço tudo, não quero um centavo, é só *love, love, love*. (Felipe).

Considerações Finais

De um modo geral, a pesquisa constatou que os michês dispõem de sinais e códigos próprios, criam regras, estabelecem normas, impõem limites, com o intuito de se proteger ou de se defender da condição de insegurança e vulnerabilidade social, sobretudo quando se expõem a uma clientela desejante de sexo, mas que detém o poder decorrente da supremacia econômica.

A triangulação das informações obtidas em observações, entrevistas e fontes bibliográficas e documentais, foi fundamental para a constatação de que a mesma sociedade burguesa, heteronormativa e moralista que busca excluir aqueles considerados como homoeróticos dos espaços de convivência durante o dia, possibilita a criação de territórios da comercialização de práticas sexuais dos michês, sobretudo durante a noite.

Via de regra, os profissionais do sexo que trabalham no centro não são aceitos por aqueles que atuam na orla litorânea leste, considerada área nobre da cidade. Isso ocorre de uma maneira tácita, por parte dos michês de *status* social mais alto, que criam barreiras simbólicas para dificultar a presença dos garotos pobres. No Centro da cidade, esses garotos encontram seus iguais e tentam se proteger da discriminação que sofrem dos que têm outro nível social.

O corpo, principal instrumento de trabalho do michê, pode ser visto não só como a matéria sobre a qual a cultura opera, mas, sobretudo, como um objeto para consumo, já que a prostituição constitui uma relação de compra e venda. Ele é suporte para normas e transgressões, no qual características anatômicas, gestuais e comportamentais compõem ações e práticas. É no corpo e por meio dele que a heteronormatividade ou a sua transgressão ocorre, sendo marcado simbólica e materialmente.

Por tudo o que foi desvelado, este trabalho tornou-se polifônico, misturando vozes superiores e plurais. As rotas traçadas e os lugares percorridos foram revelando a atividade da prostituição masculina viril, sendo fundamentais para se perceber e compreender o universo e os sujeitos em questão. Cada um, a sua maneira, apresentou práticas distintas, muitas vezes conflituosas, porém desejantes e desejadas. Ao ouvir esses sujeitos, suas falas e depoimentos foram construindo e apresentando um mundo que, embora bastante explorado, nunca se esgota por completo.

Referências:

- Aquino, Jânia Perla D.de (2011). O legal e o ilegal nas redes cosmopolitas da Praia de Iracema. XI Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidade e (Des)igualdades. Salvador- BA, 07 a 10 de agosto, 16 p.
- Le Breton, David (2007). *Compreender a dor*. Portugal: Estrela Polar.
- Carvalho, Sílvia Barbosa de (2000). *As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a “fazer a vida” no centro da cidade*. 2000. 74 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fundação Joaquim Nabuco/Escola Nacional de Saúde Pública. Rio de Janeiro.
- Costa, Maria Clélia Lustosa; Almeida, Maria Geralda (1998). Trabalho e turismo: território e cultura em mutação na Beira Mar em Fortaleza. In: Coriolano, Luzia Neide. (Org.). *Turismo com ética*. 2. ed. Fortaleza: UECE, v. 1, pp. 274-283.
- Diógenes, Glória M. dos Santos (2008). *Os sete sentimentos capitais*. São Paulo: Annablume.
- Foucault, Michel (1993). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB). Disponível em: <>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- Heilborn, Maria Luiza (1999). Corpos na cidade: sedução e sexualidade, In: Velho, Gilberto (Org.). *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 93-102.
- Magnani, José Guilherme Cantor (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.1, n. 49, jun. pp.12-30.
- Perlongher, Nestor (2008). *O negócio do michê: a prostituição viril*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Piscitelli, Adriana (2005). Viagens e sexo on-line: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos PAGU* v. 25, pp.281-326. jul. /dez.
- Pollak, Michael (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 2.
- Queiroz, Maria Isaura de (1988). Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: Simson, Olga de Moraes (Org.). *Experimentos com história de vida: Itália – Brasil*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais.
- Schechner, Richard (2003). O que é performance. In: Revista O Percevejo. Rio de Janeiro: DTT-PPGT-UNIRIO. Ano 11, n. 12. p. 27.
- Schramm. Solange M (2001). O. *O território livre de Iracema: só o nome ficou*. Dissertação, 2001. (Mestrado em Sociologia), Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE.
- Silva, Jan Carlos da (2011). O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: *Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*. Ribeiro, Miguel A. C; Oliveira, Rafael da Silva (Orgs.). Rio de Janeiro: Gramma, pp. 19-41.
- Simmel, Georg (2004). A metrópole e a vida mental. In: *Fidelidade e gratidão e outros textos*. Lisboa: Relógio D'água Editores, pp. 75-94.
- Simões, Júlio Assis (2008). *Cadernos PAGU* (31), julho-dezembro, pp 535-546.
- Teixeira, Alexandre Estáquio. (2009). Discursos e representações sobre os territórios de pegação em Belo Horizonte. In: Diaz-Benitez, Maria Elvira.; Figari, Carlos Eduardo (Orgs.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Van Gennep, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- Villalobos, Jorge U. Guerra (1999). Geografia e sexo: os discursos e práticas no território brasileiro. In: *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, v.45, n. 53, ago. ISSN 1138-9788.

NOTAS:

ⁱ Utilizei nomes fictícios para designar os estabelecimentos aqui apresentados, pois sua identificação como locais frequentados por homoeróticos e profissionais do sexo poderia acarretar para seus frequentadores e proprietários discriminações, associadas à sua orientação sexual ou à prostituição.

ⁱⁱ Projeto educativo, executado pela Organização Não Governamental denominada Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), em parceria com o Ministério da Saúde (MS) e a Coordenação de DST/AIDS, da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Com início em 1999 e conclusão em 2010, o Projeto atendeu a cidade Fortaleza e 13 municípios no interior do Ceará, com oficinas, encontros educativos sobre saúde e cidadania, distribuição de preservativos e outros serviços. Informações disponíveis em: <<http://grab.blogger.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

ⁱⁱⁱ Não se pretende aqui esgotar a descrição dos lugares percorridos por homens e mulheres envolvidos em práticas de prostituição. Optou-se por uma breve análise da Praia de Iracema e Avenida Beira-Mar, por considerá-las emblemáticas da relação entre os territórios do sexo pago, fora da área central de Fortaleza. A leste da cidade, a prostituição ocorre, também, na Praia do Futuro – assim identificado o trecho do litoral que começa após o Mucuripe e vai até o encontro do Rio Cocó com o mar, na praia conhecida como Caça e Pesca. Nessa praia, a Barraca Cabumba se destaca pelo movimento e por congregar um público homoerótico. Na parte oeste, há pontos de prostituição masculina e feminina na praia Barra do Ceará. Em Fortaleza a prostituição está disseminada em vários bairros, com inúmeros pontos de pegação. (Diógenes, 2008).

^{iv} São chamados de “barracas” os quiosques localizados nas praias de Fortaleza, que abrigam, em geral, restaurantes e bares. A maioria funciona irregular, pois não detém concessão de uso do Serviço de Patrimônio da União, responsável pelo controle dos terrenos de marinha.

^v Este e outros nomes de colaboradores desta pesquisa são pseudônimos adotados com o intuito de preservar a privacidade dos sujeitos.